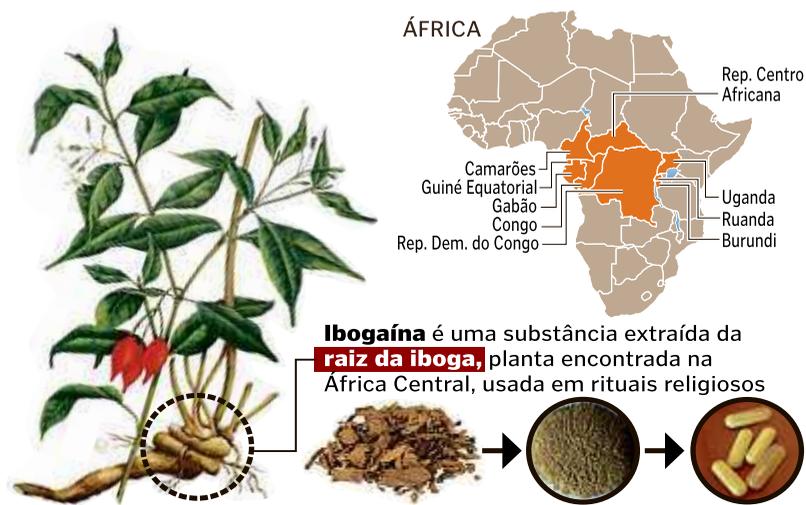
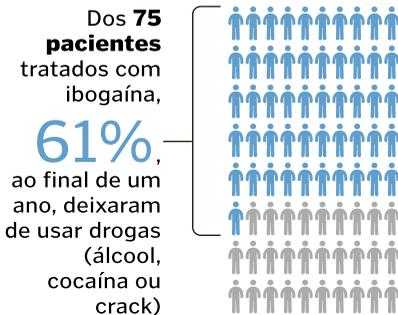


NOVO TRATAMENTO

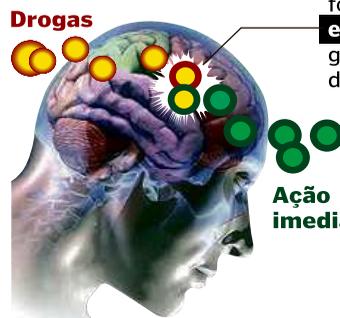


Ibogaína é uma substância extraída da **raiz da iboga**, planta encontrada na África Central, usada em rituais religiosos

No estudo feito com 75 pacientes, pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) utilizaram medicamento produzido no Canadá



Após três horas do uso da substância, os efeitos começam, com duração de 10 horas



O paciente tem uma alteração na percepção, com sensação de reviver a própria vida. Tem lembranças fortes, emoções, e sob o **efeito da ibogaína** consegue ver antigos problemas de uma nova forma

Em tratamentos convencionais, o índice de pessoas que deixam de usar drogas ilícitas varia de 30% a 35%

A Gazeta | Editoria de Arte

Remédio à base de planta é esperança contra vício em crack

RICARDO MEDEIROS - 13/08/2014

Pesquisa foi feita com 75 usuários; 61% deles tornaram-se livres do uso de drogas ilícitas

CLAUDIA FELIZ
KATILAINE CHAGAS

Surge uma esperança para livrar os dependentes do uso de cocaína e crack: a ibogaína, substância derivada da raiz da planta iboga, nativa da África – onde é usada em rituais religiosos –, associada a acompanhamento psicológico e psiquiátrico dos pacientes.

Pesquisadores da Universidade de São Paulo (Unifesp) constataram a eficácia da terapia com ibogaína aplicando-a em 75 usuários de álcool, cocaína e crack. Em média, com a ingestão de dois a três comprimidos, com intervalo de meses entre cada um deles, ao final de um ano, 61% dessas pessoas tornaram-se livres do uso das drogas ilícitas.

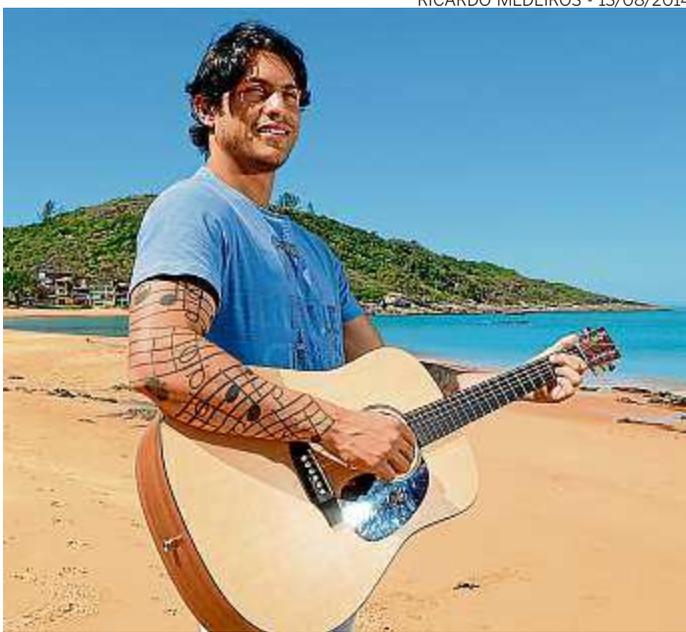
Coordenador da pesquisa, o médico e pesquisador da Unifesp Dartiu Xavier da Silveira lembra que, com tratamentos convencionais, o índice de suspensão do uso de droga varia de 30% a 35%.

Produzida por um laboratório canadense, a ibogaína é usada apenas em estudos científicos. E o realizado pela Unifesp, segundo Dartiu Xavier da Silveira, é um dos primeiros do mundo.

Os pesquisadores fizeram a última avaliação dos pacientes há três meses, e já se preparam para organizar um segundo grupo, para novos estudos.

CAUTELA

E Dartiu Silveira acredita que, com o avanço dos estudos, em quatro anos será possível ter acesso à medicação, por meio de prescrição médica.



Muito além do medicamento
Ex-usuário, Gabriel crê em ações conjuntas para tratar dependência

“A mudança não está ligada só à medicação. Temos a psicologia, o poder do Evangelho”

GABRIEL ROCHA
31 anos, empresário

Mas o uso da ibogaína na dependência química de usuários de crack é visto com cautela pelo coordenador do Centro de Referência em Drogas da Universidade Federal de Minas

Gerais, Frederico Garcia. Psiquiatra, ele explica que nem os efeitos terapêuticos e nem os tóxicos da planta iboga foram comprovados. “Quando é feito o teste, é preciso ver a eficácia e a se-

gurança. No caso da ibogaína, não tem nem um, nem outro”, afirma o psiquiatra.

Ele destaca que a droga ainda não possui autorização do Conselho Federal de Medicina (CFM) para ser

utilizada em tratamentos.

“É uma droga que tem um alucinógeno, que faz ter delírios de alucinação. O conselho que eu posso dar por enquanto é para que se tome muito cuidado”, diz o médico psiquiatra.

LONGO CAMINHO

Doutora em Psicobiologia, a psicofarmacologista Ester Miyuki Nakamura Palácios admite que há ainda um longo caminho para a libertação das pessoas da dependência química.

Na Ufes, ela desenvolve estudos no Laboratório de Ciências Cognitivas e Neuropsicofarmacológicas sobre estímulo cerebral elétrico, de baixa intensidade, com alcoolistas e usuários de crack.

Nesse estudo, em seis meses, o índice de abstinência chegou a 50%. A doutora não emitiu opinião sobre o uso da ibogaína.

TRABALHO CIENTÍFICO



“A IBOGAÍNA É UMA SUBSTÂNCIA ALUCINÓGENA”

Dartiu Xavier da Silveira
Psiquiatra e pesquisador

Que substância é a ibogaína?

É um medicamento extraído de uma planta africana, a iboga, comercializado por um laboratório canadense. Importamos esse remédio e acompanhamos 75 pacientes que fizeram uso dele, de forma controlada, porque há vários relatos fora do Brasil de morte por uso.

E qual foi a causa?

Aconteceu com gente que fez uso da ibogaína com outras drogas, ou tinha problema de saúde grave por doença cardíaca. Por isso, no nosso es-

tudo, exigimos que os pacientes ficassem hospitalizados durante o uso, para termos controle absoluto sobre o que acontecia com eles. E foi surpreendente: 61% conseguiram um prazo de abstinência longo. A maioria dos tratamentos para dependência tem taxa de sucesso muito menor, de 30% a 35%. **Quantas doses diárias são aplicadas?**

O indivíduo toma uma dose só – trata-se de um pó, colocado em uma cápsula –, e fica tendo efeitos da substância por umas dez

horas. São efeitos muito intensos. As pessoas relatam terem revisto a própria vida nesse espaço de tempo. **Esse efeito é alucinógeno?**

Sim, a ibogaína é uma substância alucinógena, como a ayahuasca. E a partir da vivência psicológica muito intensa as pessoas dizem que comecem a identificar os problemas existentes no passado delas. Isso, segundo elas, é uma vivência transformadora, a partir da qual elas não veem mais sentindo em ficar usando drogas.

O uso da psicoterapia de apoio e o acompanhamento psiquiátrico são fundamentais, ou apenas a substância poderia levar as pessoas a se libertarem das drogas?

Acho muito difícil pensar que só a substância, sem outros recursos, possa fazer milagre. Não é uma coisa mágica, mas uma experiência muito intensa que precisa ser elaborada do ponto de vista psicológica. **Teria havido substituição de droga?**

Não diria isso, porque as pessoas tomaram a ibogaína poucas vezes. Em média, duas, três, com espaço de meses. É bom lembrar que não pode ser usado fora de ambiente hospitalar, e que é necessário que o paciente tenha vontade de se livrar do vício, tendo que ser bem selecionado. **Em outros países há autorização do uso da ibogaína?**

Não, e o mérito é que este é um dos primeiros trabalhos científicos do mundo. E os internacionais lideram só com dependentes de heroína.